



Alemanha em Profecia

Alemanha em Profecia

Por Rod McNair e Douglas S. Winnail

A profecia bíblica é a chave para entender nosso mundo hoje! Mas você pode encontrar nossas nações modernas nas antigas páginas das Escrituras? Sim você pode! E quando o fizer, a palavra inspirada de Deus revela que a Alemanha está profetizada para desempenhar um papel vital e poderoso nos eventos mundiais que levam diretamente ao regresso de Jesus Cristo!

GIP-P Edição 1.1 | Julho de 2023
©2023 Living Church of God™

Todos os direitos reservados. Impresso no Canadá.

Título original em Inglês: *Germany in Prophecy*

Tradução: Helio Paz

Este livreto não deve ser vendido!

Foi fornecido como um programa educacional público gratuito. Salvo indicação em contrário, as escrituras bíblicas neste livreto são citadas na versão Almeida Revista e Corrigida 2009 (ARC).

Conteúdo

Introdução:	
Poderes do Fim dos Tempos— <i>Revelados!</i>	1
Capítulo 1: Confronto Profetizado com a Assíria	6
Capítulo 2: Assíria: O Antigo Inimigo de Israel	13
Capítulo 3: Migração e Mistura	18
Capítulo 4: Conexões e Paralelos	29
Capítulo 5: A Alemanha Impulsiona a Profecia	35
Capítulo 6: Uma Ferramenta Nas Mãos de Deus	41
Capítulo 7: “Assíria, Obra das Minhas Mãos”	48



Introdução

Poderes do Fim dos Tempos — *Revelados!*

Embora escrita há milhares de anos, muitas das profecias Bíblicas se referem ao nosso tempo e aos eventos mundiais que estão acontecendo diante de nossos olhos. O Deus Todo-Poderoso, que declara “o fim desde o princípio e desde a antiguidade as coisas que ainda não aconteceram” (Isaiás 46:10) inspirou os profetas antigos a escrever os principais eventos que moldam o futuro mesmo à nossa frente. Em suas palavras, vemos as condições mundiais, poderes nacionais, conflitos internacionais e enganos religiosos que caracterizarão o culminar desta era, levando à devastação total do mundo como o conhecemos e ao regresso triunfante de Jesus Cristo para inaugurar o Reino de Deus!

Deus revelou estas coisas nas Escrituras para que aqueles que O amam e obedecem entendam os eventos que ocorrem ao seu redor — capacitando-os a alertar o mundo sobre o que está por vir e encorajando-os quando vêem sua redenção se aproximando.

Povos Antigos, Nações Modernas

No entanto, o vasto e detalhado panorama da profecia bíblica não é apenas ignorado pela maioria dos que se autodenominam “Cristãos” na sociedade de hoje; mesmo aqueles que buscam entendimento muitas vezes não conseguem encontrar as nações de hoje mencionadas nas páginas da Bíblia.

Claro, eles vêem o nome “Israel”, embora muitas vezes pensem apenas no moderno estado Judeu no Oriente Médio. Mas onde estão

as potências militares e econômicas do nosso mundo? Onde estão os Estados Unidos? Onde estão as nações da Comunidade Britânica? E a Rússia e a China?

E onde está a Alemanha, a quarta maior potência econômica do mundo e uma das principais nações da União Européia?

Se as palavras inspiradas das Escrituras explicam a condição de nosso mundo e suas nações nos últimos dias, veremos essas nações refletidas em suas páginas! E vemos nomes antigos nas profecias do fim dos tempos, como Babilônia, Egito e Assíria - e, é claro, Israel. Mas enquanto vemos algumas dessas nações—como o Egito—existindo hoje, outras, como a Assíria, parecem ter desaparecido no passado.

Como as nações descritas em sua Bíblia podem desempenhar papéis poderosos nos conflitos do fim dos tempos que levarão ao regresso de Cristo se não forem encontradas em lugar nenhum hoje? E por que se deve confiar na profecia se ela falha em reconhecer os poderes que existem hoje?

Falhando em encontrar as nações modernas nas páginas da profecia inspirada, muitos desistem - o que significa que eles devem ignorar mais de um quarto de sua Bíblia, esquecendo-se de que a totalidade da palavra de Deus foi inspirada para nossa edificação e instrução (2 Timóteo 3:16-17). Muitos, no entanto, distorcem e reinterpretam as declarações inspiradas dos livros de Daniel, Ezequiel, Apocalipse e outros de qualquer maneira que lhes agrade ou pareça se encaixar nas notícias do dia.

Em ambos os casos, tais leitores cometem um erro terrível - roubando-lhes a compreensão vital que Deus pretende revelar em nosso tempo e impedindo-os de obter a paz de espírito que vem de ver a mão do Todo-Poderoso guiando ativamente os assuntos deste mundo.

Esse erro terrível é simples, mas profundo: ignorar a conexão entre os povos antigos e as nações modernas.

Os povos que povoam as nações de hoje não caíram em seus estados, províncias e países vindos da Lua. Os povos modernos têm histórias antigas - e entender como identificar entre as nações de hoje os povos antigos mencionados na profecia é uma chave essencial para entender o papel profético que essas nações desempenham nos eventos que levarão ao regresso de Jesus Cristo!

Israel: Uma Identidade Revelada

Muitos vêem “Israel” na Bíblia e logo pensam na nação moderna de Israel. Embora esta nação corresponda, de fato, a uma porção das

doze antigas tribos Hebraicas, aqueles que assumem que o “Israel” na profecia bíblica é apenas a nação moderna de Israel estão perdendo um fato bíblico e histórico crucial!

A Bíblia nos diz que, após a morte de Salomão, a antiga nação de Israel se dividiu em duas nações: a nação do sul de Judá, composta pelas tribos de Judá e Benjamim - bem como vários levitas - e a maior nação do norte que manteve o nome Israel, composto pelas dez tribos restantes (1 Reis 12:1-24). Os historiadores seculares não contestam isso. Ao longo de suas histórias, estas nações Hebraicas separadas ocasionalmente entravam em guerra umas contra as outras (por exemplo, (2 Crônicas 13:1-20). O rei Acáz de Judá até pagou ao rei Tiglate-Pileser da Assíria para protegê-lo da nação do norte de Israel (2 Reis 16:7)! A profecia Bíblica descreve Israel e Judá como duas nações distintas que serão restauradas como uma na volta de Cristo (Ezequiel 37:15-28). Mas até esse momento, elas estão separadas!

A nação moderna chamada Israel representa os descendentes da antiga nação de Judá. É daí que os Judeus recebem seu nome - de “Judá”.

No entanto, Israel na profecia geralmente se refere à outra nação, as dez tribos do norte que foram para o cativeiro anos antes da nação do sul de Judá. E enquanto os descendentes destas dez “tribos perdidas” desaparecem da visão clara da história, Deus prometeu que Ele se lembraria deles - e sua identidade nunca seria perdida para Ele!

Observe esta profecia dada a Jacó antes de morrer: “chamou Jacó a seus filhos e disse: Ajuntai-vos, e anunciar-vos-ei o que vos há de acontecer nos derradeiros dias” (Gênesis 49:1).

A frase “derradeiros dias” refere-se aos tempos imediatamente anteriores ao regresso do Messias. Jacó passou a descrever o tempo futuro em que os descendentes de seus filhos constituiriam nações plenamente desenvolvidas. Um em particular seria uma superpotência mundial: “José é um ramo frutífero, ramo frutífero junto à fonte; seus ramos correm sobre o muro. Os flecheiros lhe deram amargura, e o flecharam, e o aborreceram. O seu arco, porém, susteve-se no forte, e os braços de suas mãos foram fortalecidos pelas mãos do Valente de Jacó” (Gênesis 49:22-24).

Em outras palavras, os descendentes de José não seriam perdidos e obscurecidos entre as nações. Em vez disso, eles seriam um povo poderoso com poderio militar nos anos anteriores ao regresso de Cristo.

Os estudantes da Bíblia reconhecem os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e outras nações descendentes de Britânicos de hoje como descendentes de José. Para saber mais sobre esta notável profecia e seu cumprimento, solicite uma cópia gratuita de Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha na Profecia do Escritório Regional mais próximo de você, listado no final deste livreto, ou leia-o online no MundoDeAmanha.org. Compreender a identidade de “Israel” na profecia é um elemento fundamental para compreender como os últimos dias se desenrolarão e entender com precisão o que realmente está acontecendo em nosso mundo hoje!

Alemanha: Um Poder Crucial no Fim dos Tempos

A Europa também tem seu papel a desempenhar nos dias que antecedem o regresso de Jesus! Esse papel é explorado em profundidade em nossa publicação gratuita A Besta do Apocalipse: Mito, Metáfora ou Realidade em Breve? Lá, as profecias de Daniel, Apocalipse e mais são reveladas para mostrar como reavivamentos profetizados do antigo Império Romano surgiram historicamente na Europa, como um avivamento final permanece - o mais poderoso e perigoso de todos - e como a dinâmica agora vista na Europa continua a preparar o cenário para o surgimento desta superpotência que abala o mundo. Neste recurso gratuito, a conexão da Europa com o renascimento da Roma antiga, bem como sua conexão com a Babilônia e a religião representada pela prostituta profética com o nome de Babilônia, são apresentadas para você explorar com sua Bíblia em mãos.

Mas entender os papéis futuros dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e muitas nações descendentes de Britânicos, a nação moderna chamada Israel, Europa e a falsa religião enganosa manipulando eventos no fim dos tempos ainda deixa de fora uma peça crucial do quebra-cabeça profético. E nenhuma outra nação moderna se encaixa com mais precisão no buraco deixado por essa peça que faltava do que a moderna nação da Alemanha! Como os EUA, a Grã-Bretanha e a nação moderna conhecida como Israel, a Alemanha pode ser identificada com uma nação antiga, revelada nas páginas das Escrituras como tendo um papel fundamental nos eventos do fim dos tempos.

Nas páginas a seguir, exploraremos as surpreendentes conexões entre a Alemanha moderna e a antiga nação da Assíria. Veremos que, longe de ser um pequeno grupo étnico com pouca influência nos assuntos mundiais, profetizou-se que a Assíria desempenhará um papel

dinâmico e poderoso nos eventos do fim dos tempos. Os estudantes da profecia Bíblica que procuram identificar a antiga Assíria entre as nações modernas do mundo verão que a Alemanha se eleva acima das outras como um candidato inigualável - uma nação preparada pelo próprio Deus para cumprir Seus próprios propósitos na história, como um povo que Ele chama de «a obra das minhas mãos». Para ver o lugar da Alemanha na profecia revelado, continue lendo!

Capítulo I

Confronto Profetizado com a Assíria

Pesquise na Internet com a pergunta “Quem são os Assírios?” e você provavelmente encontrará alguns artigos sobre pessoas com esse nome que se originaram no Oriente Médio e hoje vivem em vários lugares ao redor do globo. Muitos assumem que estes 4 ou 5 milhões de pessoas espalhadas devem ser tudo o que resta do outrora poderoso Império Assírio, o poder com punho de ferro que manteve grande parte do mundo antigo sob seu domínio.

No entanto, a Assíria é profetizada como uma força poderosa para enfrentar nos últimos dias, pouco antes do regresso de Jesus Cristo. Sua Bíblia descreve uma Assíria poderosa e moderna agindo como um flagelo para as nações modernas de Israel e empunhada como uma arma nas mãos de Deus - uma das verdadeiras grandes superpotências competindo pelo domínio do mundo no fim dos tempos!

Alguns milhões de pessoas espalhadas realmente constituem a Assíria moderna descrita pela profecia? Como eles poderiam, se a Assíria é profetizada como uma nação forte, intacta e militarmente superior no tempo do fim?

Cumprimentos Antigos e Modernos

Muitas das profecias bíblicas são duplas, o que significa que para tais profecias houve um cumprimento inicial antigo e haverá — ou houve — um cumprimento moderno no fim dos tempos. Um exemplo diz respeito à destruição de Jerusalém. Jesus predisse que a cidade

seria destruída e advertiu Seus discípulos a fugirem quando vissem a cidade cercada por exércitos (Lucas 21:20-21). Mas Jesus também pretendia que a mesma profecia fosse entendida como um aviso do fim dos tempos. O contexto de Mateus 24, que é paralelo a Lucas 21, claramente tem uma aplicação no fim dos tempos porque Jesus fala de uma grande tribulação “como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco haverá jamais” (Mateus 24:21). Esta profecia claramente teve um primeiro cumprimento quando Jerusalém foi saqueada em 70 dC, mas haverá outro cumprimento no final dos tempos, no contexto de calamidades maiores.

Outro exemplo de cumprimento duplo é a famosa “abominação da desolação” mencionada em Daniel 11:31. Os estudiosos da Bíblia e da história reconhecem que esta passagem foi cumprida nos dias de Antíoco IV Epifânio, que sacrificou um porco em um altar construído para Zeus no templo de Jerusalém (Josephus, 1926, vol. 7, pp. 129-131, traduzido por Ralph Marcus). Embora este cumprimento tenha acontecido cerca de dois séculos antes de Seu ministério, Jesus declara claramente que também haverá um cumprimento futuro dessa profecia (Mateus 24:15).

Da mesma forma, muitas das profecias de Isaías são duais. Lucas observa como Jesus leu em voz alta Isaías 61:1-2 e disse ao Seu público que as palavras foram “Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos” (Lucas 4:17-21). No entanto, Cristo não citou toda a passagem, que menciona o dia da vingança de Deus - um dia ainda por vir que será seguido por um cumprimento mundial maior das curas e liberdades que Ele leu.

De fato, muitas profecias que falam dos pecados do antigo Israel — e subsequente punição e redenção — encontram algum grau de cumprimento nos tempos antigos, mas prenunciam um cumprimento atual e futuro em nosso tempo. Ezequiel, por exemplo, deu muitas profecias sobre o castigo que viria sobre Israel e Judá por seus pecados (por exemplo, Ezequiel 22). No entanto, quando Ezequiel escreveu suas profecias, Israel, a nação do norte, já estava em cativeiro por mais de 100 anos. Claramente, seu aviso não era para o Israel antigo, mas para o Israel moderno — os povos dos Estados Unidos e as nações descendentes de Britânicos.

E as acusações registradas pelos profetas se aplicam aos nossos povos modernos? Por exemplo, Isaías 10:1 proclama: “Ai dos que decretam leis injustas”. As nações modernas de Israel, incluindo a América e a

Grã-Bretanha, “decretam leis injustas” hoje? Muitos destes países, que pelo menos nominalmente respeitavam os padrões morais da “ética Judaico-Cristã” no passado, agora estão abandonando os padrões baseados nas Escrituras e escrevendo seus próprios padrões seculares?

Se sim, como devemos esperar que o Deus de Israel—mais tarde conhecido como Jesus Cristo (1 Coríntios 10:1–4), que é “o mesmo ontem, hoje e eternamente” (Hebreus 13:8)—reaja?

Ele promete que trará um “dia de punição” para aquelas nações que se rebelarem contra Ele, com “assolação *que* há de vir de longe” (Isaías 10:3). E Ele identifica a nação que usará para infligir este castigo: “Ai da Assíria, a vara da minha ira! Porque a minha indignação é como bordão nas suas mãos. Enviá-la-ei contra uma nação hipócrita” (vv. 5–6).

Como veremos no próximo capítulo, Deus usou a nação da Assíria para punir Seu povo pecador e rebelde no passado. E a profecia indica que a Assíria será novamente a vara de Deus no futuro, usada contra as nações modernas de Israel que persistem em seguir os passos pecaminosos de seus antepassados!

Deus não muda (Malaquias 3:6). Assim como Ele respondeu a um Israel pecaminoso no passado, Ele responderá a um Israel pecaminoso no presente - e a Assíria será novamente Sua ferramenta.

Jugo de Ferro Vindo Sobre Israel

Moisés registrou uma profecia séria para a casa de Israel, uma profecia que foi cumprida pela primeira vez em 721 aC: “Porquanto não haverás servido ao SENHOR, teu Deus, com alegria e bondade de coração, pela abundância de tudo, assim servirás aos teus inimigos, que o SENHOR enviará contra ti, com fome, e com sede, e com nudez, e com falta de tudo; e sobre o teu pescoço porá um jugo de ferro, até que te tenha destruído” (Deuteronômio 28:47–48).

Deus descreve a fonte desse “jugo de ferro” como uma força invasora que é implacável, poderosa e totalmente avassaladora: “O SENHOR levantará contra ti uma nação de longe, da extremidade da terra, que voa como a águia, nação cuja língua não entenderás; nação feroz de rosto, que não atentará para o rosto do velho, nem se apiedará do moço” (vv. 49–50).

A Assíria era aquela nação, a vara corretiva da ira de Deus. E, dada a consistência de Deus, devemos esperar que a profetizada Assíria seja a nação que Ele usará no futuro.

No entanto, se a “Assíria” hoje consiste em apenas alguns milhões de pessoas espalhadas pelo mundo - sem nação própria, sem governo e sem forças armadas - como Deus poderia usar a Assíria do fim dos tempos como uma vara de correção contra algumas das mais poderosas nações no mundo moderno?

Estas passagens das Escrituras só podem ser cumpridas em nossos dias se a Assíria moderna for uma nação muito poderosa no final dos tempos, capaz de exercer sua vontade nos assuntos mundiais como fez no passado antigo. E muitas profecias deixam claro que deve ser assim. Por exemplo, considere Isaías 27:12-13.

E será, naquele dia, que o SENHOR padejará o *seu fruto* desde as correntes do rio até o rio do Egito; e vós, ó filhos de Israel, sereis colhidos um a um. E será, naquele dia, que se tocará uma grande trombeta, e os que andavam perdidos pela terra da Assíria e os que foram desterrados para a terra do Egito *tornarão* a vir e adorarão ao SENHOR no monte santo, em Jerusalém.

Isto nunca foi cumprido no passado e continua sendo uma profecia do futuro! Embora muitos Judeus tenham regressado à Terra Prometida do cativeiro Babilônico, os antigos Israelitas das outras dez tribos nunca voltaram da terra da Assíria. Ou as profecias de Deus são falsas ou esta profecia tem um cumprimento futuro. Aqueles que acreditam que a palavra de Deus é infalivelmente verdadeira (João 10:35) sabem que o cumprimento desta passagem é futuro, e a Assíria deve existir como um grande poder conquistador de nações e cativeiro no fim dos tempos!

Regresso, Tremendo, da Assíria

Outras passagens também descrevem este tempo de punição futura e cativeiro - e o papel central que a Assíria desempenhará. Por exemplo, Oséias 9:1-4 revela que Israel será punido por sua prostituição espiritual com outros deuses, e que “Efraim” – uma das dez tribos do norte de Israel, não os Judeus de Judá – “tornará ao Egito, e na Assíria comerão comida imunda”.

Com isto, vemos outra descrição do regresso daquelas terras de cativeiro - e com um detalhe fascinante e importante adicionado! “Andarão após o SENHOR; ele bramará como leão; bramando ele, os filhos do Ocidente tremerão. Tremendo, virão, como um passari-

nho, os do Egito, e, como uma pomba, os da terra da Assíria, e os farei habitar em suas casas, diz o SENHOR.” (Oséias 11:10-11).

Observe “do oeste”. Lembre-se de que quando os povos de Israel foram levados cativos em 721 aC, eles foram levados para o norte e leste de Jerusalém — não para o oeste. E o antigo império da Assíria ficava a leste. E, ao contrário dos Judeus do reino do sul, os cativos da nação de Israel nunca regressaram à sua terra natal após o cativeiro. Então, o que devemos fazer com esta profecia que nos fala de Israelitas morando novamente em suas casas, voltando para casa do oeste, não do leste? Deve ser uma profecia de um tempo futuro quando eles voltarão para casa, vindo do oeste para o leste, voltando dos horrores da guerra e do cativeiro.

A Assíria deve existir novamente como uma nação poderosa nos últimos dias, e deve existir a oeste da terra natal de Israel, não em suas antigas terras a leste.

Isaías também fala de um tempo futuro quando os Israelitas serão trazidos de volta do cativeiro. Observe sua clara declaração de que esta profecia descreve uma “segunda vez” — claramente um cumprimento futuro de um segundo êxodo profetizado.

Porque há de acontecer, naquele dia, que o Senhor tornará a estender a mão para adquirir outra vez os resíduos do seu povo que restarem da Assíria, e do Egito, e de Patros, e da Etiópia, e de Elão, e de Sinar, e de Hamate, e das ilhas do mar.... E haverá caminho plano para os resíduos do seu povo que restarem da Assíria, como sucedeu a Israel no dia em que subiu da terra do Egito (Isaías 11:11, 16).

O êxodo inicial do Egito foi maciço - segundo algumas estimativas, centenas de milhares ou possivelmente milhões de israelitas foram libertados do cativeiro. Se Israel for tirado de um futuro cativeiro na Assíria, então a Assíria deve ser uma nação enorme e poderosa no fim dos tempos para levá-los cativos em primeiro lugar!

Os povos modernos de Israel e Judá - América, Grã-Bretanha e os povos descendentes de Britânicos, além de seus “irmãos” Judeus na nação agora chamada de “Israel” no Oriente Médio - constituem algumas das nações militarmente mais poderosas do mundo. Qualquer nação suficientemente poderosa para derrotar Israel no fim dos tempos e levar seu povo cativo terá que ser uma nação poderosa por

direito próprio - na verdade, uma superpotência. Quando a Bíblia fala da “Assíria” na profecia do fim dos tempos, simplesmente não pode estar falando sobre os povos Assírios impotentes e sem nação do Oriente Médio.

Então, onde podemos encontrar a poderosa nação Assíria profetizada nas Escrituras?

Fim dos Tempos Aliança Assírio-Árabe

Jerônimo, uma figura importante da igreja Romana no quarto e no início do quinto século dC, é famoso por traduzir toda a Bíblia para o Latim. Ele também é conhecido por seu relato em primeira mão de um ataque a Roma por tribos Germânicas:

Tribos selvagens em número incontável invadiram todas as partes da Gália. Todo o país entre os Alpes e os Pirenéus, entre o Reno e o Oceano, foi devastado por hordas de Quadi, Vândalos, Sármatas, Alanos, Gépidas, Hérules, Saxões, Burgúndios, Allemanni e - infelizmente! para a comunidade! — até mesmo Panônios. Pois “Assur também se juntou a eles” (O Destino de Roma, ca. 409 dC).

O que devemos fazer com a declaração enigmática de Jerônimo, “Assur também se juntou a eles”? Ele estava citando o Salmo 83:8. Vamos dar uma olhada nos versículos que levam a essa menção da Assíria:

Ó Deus, não estejas em silêncio! Não cerres os ouvidos nem fiques impassível, ó Deus! Porque eis que teus inimigos se alvoroçam, e os que te aborrecem levantaram a cabeça. Assutadamente formam conselho contra o teu povo e conspiram contra os teus protegidos. Disseram: Vinde, e desarraiguemo-los para que não *sejam* nação, nem haja mais memória do nome de Israel. Porque à uma se conluiaram; aliaram-se contra ti (Salmos 83:1-5).

Esta profecia é de um grupo de nações formando uma aliança para lutar contra o povo de Deus, para eliminá-lo até mesmo de ser uma nação. E verdadeiramente, durante grande parte da história de Israel, seus inimigos tentaram eliminá-los da face da terra. Mas Deus os protegeu milagrosamente, vez após vez. Quem são as pessoas que

a Bíblia prediz que lutarão contra Israel? “As tendas de Edom, dos ismaelitas, de Moabe, dos agarenos, de Gebal, de Amom, de Amaleque e a Filístia com os moradores de Tiro. Também a Assíria se ligou a eles; foram eles o braço dos filhos de Ló” (Salmos 83:6–8).

Muitas das nações listadas nos versículos 6–8 estão ligadas às nações Árabes que hoje cercam a moderna nação de Israel no Oriente Médio. No entanto, a invasão de tribos Germânicas em Roma levaram Jerônimo a mencionar, estreitamente, apenas a parte Assíria desta passagem. A conexão entre a Assíria e a Alemanha é a real Assíria.

A conexão entre a Assíria e a Alemanha é real. A Assíria não pode ser um povo sem nação, espalhado como uma pequena quantidade de pó entre as nações do mundo no fim dos tempos. Se a profecia Bíblica é verdadeira — e “Sempre seja Deus verdadeiro, e todo homem mentiroso” (Romanos 3:4) — então a Assíria deve ser uma nação poderosa no mundo de hoje, preparada por Deus para servir a Seus propósitos de mudança mundial nestes últimos dias. Deve ser uma nação capaz de cumprir o confronto profetizado com as modernas nações Israelitas movidas a energia nuclear - os EUA, a Grã-Bretanha e os povos descendentes de Britânicos.

De todas as nações e povos da terra, a Alemanha moderna é a que melhor se encaixa nas características e no papel profetizado da Assíria nos últimos dias.

Continue lendo para descobrir por si mesmo a conexão entre o antigo império da Assíria e a crescente potência da Alemanha. Quando você descobre a verdade dessa conexão, o papel central da Alemanha nos eventos finais deste mundo – levando ao regresso de Jesus Cristo – torna-se claro como cristal!

Capítulo 2

Assíria: O Antigo Inimigo de Israel

Para entender a identidade moderna da Assíria, devemos entender suas raízes e história antigas. O antigo Império Assírio desenvolveu-se a partir da cidade-estado de Assur (também grafada Assur e Ashur), batizada em homenagem a um dos filhos de Sem, que era um dos filhos de Noé (Gênesis 10:1, 22). Eventualmente, “Asshur” foi considerado um dos principais deuses do povo Assírio (International Standard Bible Encyclopedia, 1939, vol. 1, p. 292).

Embora a cidade fosse chamada pelo nome de Asshur, não demorou muito para que um parente da linhagem de Ham a tomasse à força. Esse era o homem conhecido como Nimrod. A Assíria era chamada de “a terra de Nimrod”, como lemos em Miquéias 5:6, e Gênesis 10:8–9 relata que Nimrod era um “poderoso caçador diante do Senhor” – com “antes” carregando uma conotação de “em face de” ou “em rebelião contra”.

Como uma figura proeminente do passado antigo da humanidade, Nimrod foi lembrado com muitos nomes: “Ninus foi o primeiro rei da Assíria e construiu Niniveh, e chamou-a pelo seu próprio nome. Mas Ninus é um nome de Nimrod... É assim evidenciado sem sombra de dúvida que Nimrod, e não Ashur, filho de Shem, fundou Niniveh” (Algernon Herbert, Nimrod, um discurso sobre certas passagens de história e fábula, vol. 1, p. 374).

Séculos depois, Deus plantou a antiga nação de Israel na terra de Canaã, depois de ter tirado os Israelitas milagrosamente do cativeiro

no Egito. Eles entraram na terra por volta de 1400 aC e, 400 anos depois, tornaram-se uma nação poderosa e próspera, particularmente sob os reinados de Davi e Salomão, que eventualmente se dividiram em duas nações separadas: Israel ao norte e Judá ao sul.

O Declínio e a Queda de Israel Nos centenas de anos seguintes, a casa do norte de Israel — às vezes chamada de “Samaria” nas Escrituras, devido ao nome da capital da nova nação — caiu em idolatria e paganismo desenfreados. O Eterno enviou profetas para avisá-los de que sua apostasia indiscriminada tornava sua destruição inevitável. Um resumo da mão de Deus na ascensão e queda de Suas nações escolhidas – e como Ele usa uma nação para corrigir outra – é encontrado em Isaías 10, que lemos anteriormente:

Ai dos que decretam leis injustas e dos escrivães que escrevem perversidades, para prejudicarem os pobres em juízo, e para arrebatarem o direito dos aflitos do meu povo, e para despojarem as viúvas, e para roubarem os órfãos! Mas que fareis vós outros no dia da visitação e da assolação *que* há de vir de longe? A quem recorrereis para obter socorro e onde deixareis a vossa glória, sem que cada um se abata entre os presos e caia entre os mortos (vv. 1–4).

Juntando as peças, podemos ver que a “desolação que virá de longe” viria da poderosa máquina bélica do império Assírio. Isaías começou seu ministério profético na última parte do século VIII aC. Por volta de 732 aC, a antiga superpotência da Assíria atacou Israel. 2 Reis 16:7 fornece o relato da perspectiva do reino de Judá, rei Acáz, que “contratou” os Assírios para protegê-lo dos Sírios e da casa do norte de Israel: “Então Acáz enviou mensageiros a Tiglate-Pileser, rei da Assíria, dizendo: “Eu *sou* teu servo e teu filho; sobe e livra-me das mãos do rei da Síria e das mãos do rei de Israel, que se levantam contra mim”.

A queda de Israel - nas próprias palavras dos Assírios Tiglate-Pileser realmente atacou a Síria e o norte de Israel, e o relato é preservado nos anais Assírios descobertos em 1849 no local da antiga Nínive. Foram decifradas aproximadamente 30.000 tabuletas cuneiformes que fornecem um vislumbre notável da história desta antiga nação, contada em suas próprias palavras. Aqui está o relato Assírio da primeira campanha contra “Bet-Omri” – a “casa de Onri”, um nome antigo para o reino do norte de Israel, referindo-se ao rei

Onri, que governou Israel no século IX aC e foi pai de uma importante dinastia:

Bet-Omri (Israel) cujas cidades eu adicionei aos meus territórios em minhas campanhas anteriores e deixei de fora apenas a cidade de Samaria.... Toda Naftali eu tomei para a Assíria. Eu coloco meus oficiais sobre eles como governadores. A terra de Bet-Omri, todo o seu povo e suas posses eu levei para a Assíria (Werner Keller, *A Bíblia como História*, 1982, p. 261).

Foi o princípio do fim. Isaías havia profetizado que a casa de Israel seria punida por seus pecados - e, cerca de uma década após sua primeira campanha, o rei da Assíria voltou para derrubar a capital de Israel, Samaria: “Porque o rei da Assíria subiu por toda a terra, e veio até Samaria, e a cercou três anos. No ano nono de Oseias, o rei da Assíria tomou a Samaria, e transportou a Israel para a Assíria, e fê-los habitar em Hala e em Habor, junto ao rio Gozã, e nas cidades dos Medos” (2 Reis 17: 5– 6).

O relato Assírio é um paralelo perfeito com a Bíblia. Observe o que o próprio rei da Assíria, Sargão II, registrou no século VIII aC: “No primeiro ano do meu reinado, sitiei e conquistei Samaria.... Levei para o cativeiro 27.290 pessoas que viviam lá” (Keller, p. 263).

A Queda da Assíria

Os habitantes do norte de Israel foram retirados de sua terra, deportados pela Assíria e transferidos para as regiões além do Eufrates, ao norte da Assíria, e para as “cidades dos Medos”. Já discutimos o que aconteceu com os Israelitas a partir daí, que é abordado em detalhes em nosso livreto gratuito *Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha na Profecia*.

Mas Isaías não apenas profetizou sobre a morte de Israel – ele também deixou claro que a Assíria foi escolhida pelo próprio Deus para o trabalho:

Ai da Assíria, a vara da minha ira! Porque a minha indignação é como bordão nas suas mãos. Enviá-la-ei contra uma nação hipócrita e contra o povo do meu furor lhe darei ordem, para

que lhe roube a presa, e lhe tome o despojo, e o ponha para ser pisado aos pés, como a lama das ruas, ainda que ele não cuide assim, nem o seu coração assim o imagine; antes, no seu coração, intenta destruir e desarraigá-las não poucas nações (Isaías 10:5-7).

Deus profetizou por meio de Isaías que usaria a Assíria como a “vara da minha ira” para punir seu povo pecador, Israel. Mas por causa do “coração arrogante do rei da Assíria e da glória de sua aparência altiva” (Isaías 10:12), Isaías então profetizou que a Assíria também seria derrotada e humilhada. Deus ensinará a Israel e à Assíria uma lição poderosa — que “o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens” (Daniel 4:17).

Isaías não apenas profetizou advertências para a Assíria, mas também o profeta Naum, no início do século VII aC.

Peso de Nínive. Livro da visão de Naum, o elcosita, o Elkoshite.... Ai da cidade ensanguentada! Ela está toda cheia de mentiras e de rapina! Não se aparta dela o roubo. Estré-pito de açoite há, e o estrondo do ruído das rodas; e os cavalos atropelam, e carros vão saltando... da mestra das feitiçarias, que vendeu os povos com os seus deleites e as gerações com as suas feitiçarias (Naum 1:1; 3:1-2, 4).

Nínive, impregnada de práticas idólatras herdadas da Babilônia, era um império de reputação violenta. Embora Deus usasse suas tendências violentas e ambições para Seus próprios propósitos, Ele não os absolveria de sua culpa. Deus puniu Nínive trazendo uma coalizão de Babilônios, Medos e Citas contra a cidade — uma punição que o profeta Naum também predisse: “Os teus pastores dormirão, ó rei da Assíria; os teus ilustres deitar-se-ão, o teu povo se derramará pelos montes, sem que haja quem possa ajuntá-lo” (Naum 3:18).

Nínive foi saqueada e completamente destruída em 612 aC, de modo que a cidade era totalmente indistinguível como a grande cidade que havia sido (James Breasted, *A Conquista da Civilização*, 1954, pp. 174-175). A palavra de Deus foi cumprida - como sempre é e sempre será! Por causa de sua arrogância e rebelião contra Deus, Ele havia julgado tanto a casa de Israel como o império da Assíria. Mas a destruição de Nínive significou o fim dos Assírios?

De jeito nenhum. Eles, como as dez tribos do norte de Israel, simplesmente se retiraram da vista de todos. No entanto, a profecia Bíblica exige que eles ainda existam no tempo do fim como uma grande nação na terra. Assim como as dez tribos “perdidas” de Israel devem existir e ainda existem—conhecidas por Deus entre os povos da terra e sendo preparadas para sua data com punição profética—assim também devem existir os Assírios.

Pistas de sua identidade entre as nações modernas do mundo estão disponíveis para aqueles com olhos dispostos a ver e corações preparados para acreditar que Deus cumprirá Sua palavra. Exploraremos essas pistas no próximo capítulo.

Capítulo 3

Migração e Mistura

A poderosa cidade de Nínive, capital do império Assírio e, na época, uma das maiores cidades do mundo, caiu em 612 aC — invadida por uma confederação de Babilônios, Citas, Persas e Medos. A cidade foi completamente destruída e sua população quase desapareceu. A destruição foi tão completa que, anos depois, mesmo aqueles que viviam nas ruínas ou perto delas não faziam ideia de que uma cidade chamada Nínive havia existido ali. Xenofonte refere-se à capital Assíria em sua famosa obra *Anábese* pelo nome de “Mespila”, supondo apenas que tenha sido uma antiga fortaleza dos Medos (livro 3, capítulo 4, seção 10, Carleton L. Brownson, Ed.). Era como se os Assírios e sua grande capital chamada Nínive tivessem acabado de desaparecer.

Mas eles tinham?

As pessoas não “desaparecem” verdadeiramente se sua presença for vital para o plano de Deus para o fim dos tempos, e vimos os Assírios desempenharem um papel crucial. O Deus do Céu, que colocará todas as nações em seus devidos lugares para o cumprimento de Suas profecias sobre o fim dos tempos, sabe onde estão os Assírios — e onde Ele quer que eles estejam nos últimos dias. Ele se descreve como separando os povos como alguém que peneira grãos através de uma peneira com tanto cuidado e atenção que “nem o menor grão cairá no chão” (Amós 9:9).

Os Assírios existem e estão sendo preparados para seu papel no fim dos tempos! Mas onde? A história nos dá pistas.

Uma Presença Além das Fronteiras do Império

Antes de vermos o que aconteceu com a Assíria após sua queda, vamos considerar quais opções os Assírios tinham no século VII aC para viajar para fora das fronteiras de seu império.

Nos tempos antigos, um dos meios de transporte mais fáceis e eficientes era o barco ao longo de vias navegáveis, como rios, lagos e mares. Tais hidrovias facilitavam a migração e o comércio em longas distâncias, e mesmo uma olhada superficial em um bom mapa da Europa e do Oriente Médio revela hidrovias navegáveis que vão desde a antiga Assíria até a Europa Central e Ocidental.

Ao longo da costa sul do Mar Negro, encontramos uma península estratégica antigamente chamada de Sinope, que comandava a rota comercial leste-oeste que levava à Europa. No século V aC, os comerciantes de Sinope eram uma potência naval no Mar Negro e habitavam várias colônias em sua costa. A cidade de Sinope foi, segundo todos os relatos, um locus crucial e estratégico de comércio e intercâmbio entre a Ásia Menor e a Europa durante séculos — até mesmo milênios.

Embora geralmente não seja considerada parte da Assíria propriamente dita, diz-se que Sinope como uma colônia Assíria serviu como ponto de partida para fios de influência Assíria muito além das fronteiras do império: “As primeiras fundações de Sinope são provavelmente Assírias. A extrema antiguidade desse grande poder está constantemente recebendo novas evidências.... Parece evidente que... por volta de 1100 aC o poder Assírio avançou para o oeste através da Ásia Menor até ao Mediterrâneo” (David M. Robinson, “Sinope Antiga: Primeira Parte,” *O Jornal Americano de Filologia*, vol. 27, no. 2, p. 145). E de Sinope, os Assírios teriam acesso a toda a região ao redor do Mar Negro e da Europa Oriental – estabelecendo potencialmente uma presença precoce e familiaridade com áreas que se tornariam cruciais em migrações posteriores após a queda de seu império.

Há evidências adicionais de uma presença Assíria primitiva nas bordas do continente Europeu, além do reino normalmente associado ao seu império.

Considere a famosa batalha de Tróia, no extremo oeste da Ásia Menor, adjacente à Grécia, no canto sudeste da Europa. A batalha de Tróia foi por muito tempo considerada uma mera lenda pelos leitores modernos, mas a maioria dos historiadores agora a vê como baseada em eventos reais, assim como os antigos.

O antigo historiador Grego Diodoro, escrevendo no primeiro século aC, observou que “Príamo, que era rei da Tríade e vassalo do rei dos Assírios... enviou uma embaixada ao rei [da Assíria] solicitando ajuda” (Diodoro de Sicily, 1933, vol. 1, p. 423, traduzido por Charles Henry Oldfather).

Embora não faça parte de seu império, o interesse Assírio na região da antiga Tróia não deveria ser surpresa. Situada em um ponto estratégico perto do Bósforo, conectando o Mar Negro e o Mar Egeu, a área teria sido um “portão marítimo” vital para o comércio no mundo antigo. Os estudiosos há muito reconhecem a importância da navegação no Mar Negro para a prosperidade Assíria:

Foi o domínio da rota do Mar Negro que foi o grande prêmio disputado pelos Gregos e Asiáticos desde o cerco de Tróia até o dia de Alexandre. “A lenda dos Argonautas prova o perigo que acompanhou uma tentativa de entrar em Propontis [entrada ocidental no Mar Negro] e leva à inferência de que Tróia deve ter sido um posto avançado da combinação Fenícia Assíria” (“Críticas: O Novo Império,” *Political Science Quarterly*, Dezembro de 1903, vol. 18, nº 4, p. 690).

Uma forte presença Assíria nessas regiões ao redor da periferia da Europa no auge de seu império teria ajudado muito a migração Assíria para a Europa após a queda de Nínive.

Migrando Para a Porta da Europa

Depois que o império Assírio caiu no final dos anos 600 aC, muitos de seus habitantes foram deportados por seus conquistadores, fazendo com que se misturassem e se tornassem obscuros entre outros povos.

Entre os povos que invadiram Nínive estavam os Citas, um poderoso grupo de tribos que viviam na área ao norte dos mares Cáspio e Negro. Diodoro da Sicília, escrevendo no primeiro século aC, observa que os conquistadores Citas repatriaram os Assírios ao longo da costa sul do Mar Negro: “Foi por estes reis [dos Citas] que muitos dos povos conquistados foram removidos para outros lares, e duas delas se tornaram colônias muito grandes: uma era composta de Assírios e foi removida para a terra entre a Paflagônia e o Ponto” (Diodorus da Sicília, vol. 2, p. 29, Oldfather).

Um mapa da Paflagônia e do Ponto mostra que muitos Assírios foram repatriados à força para áreas não desconhecidas para eles — Sinope e a costa sul do Mar Negro.

Lembre-se de que os Assírios haviam exercido influência na costa sul do Mar Negro antes e possivelmente até fundaram a cidade portuária de Sinope. Foi para lá que eles foram depois de serem derrotados pelos Citas. O historiador Alemão Max Duncker observa que outro historiador, considerado na época Scilax de Caryanda do século VI aC, também testemunha que os Assírios estavam localizados na costa sul do Mar Negro após a queda de Nínive: “Um promontório que corre para o mar ao norte de Sinope chama-se Syrias. Os Gregos derivaram as pessoas neste distrito de Syrus, filho de Apolo. Scilax de Caryanda nomeia a costa do Mar Negro, desde os Calíbios até Armene, a oeste do promontório das Sírias, Assíria” (*A História da Antiguidade*, 1877, vol. 1, p. 540).

Embora os estudiosos modernos agora acreditem que os escritos que Duncker cita não são realmente de Scilax de Caryanda, mas de um historiador posterior, eles ainda nos lembram que os historiadores antigos notaram a presença de Assírios migrados ao longo do sul do Mar Negro.

Mas o sul, apenas?

Se os Assírios tinham uma forte presença no lado sul do Mar Negro, uma presença na Cítia, no lado norte, não é um exagero da imaginação. Um passeio de barco de Sinope até ao litoral norte não é difícil. Como David Robinson aponta, “os navegadores antigos podiam cruzar o Ponto exatamente neste ponto sem perder a terra de vista por mais de algumas horas em dias comuns, e em dias muito claros sem perdê-la de vista” (David M. Robinson, “Sinope Antiga: Primeira Parte,” *O Jornal Americano de Filologia*, 1906, vol. 27, no. 2, p. 136).

Como havia bastante tráfego marítimo ao norte e ao sul nesta parte estreita do Mar Negro, não seria inesperado encontrar Assírios vivendo em ambos os lados. E artefatos que refletem o estilo Assírio - vasos, arreios para cavalos, armas e móveis - foram encontrados nas terras Citas e no sul da Rússia ao norte do Mar Negro (Michael Ivanovich Rostovtzeff, *Iranianos e Gregos no sul da Rússia*, 1922, pp. 50– 52).

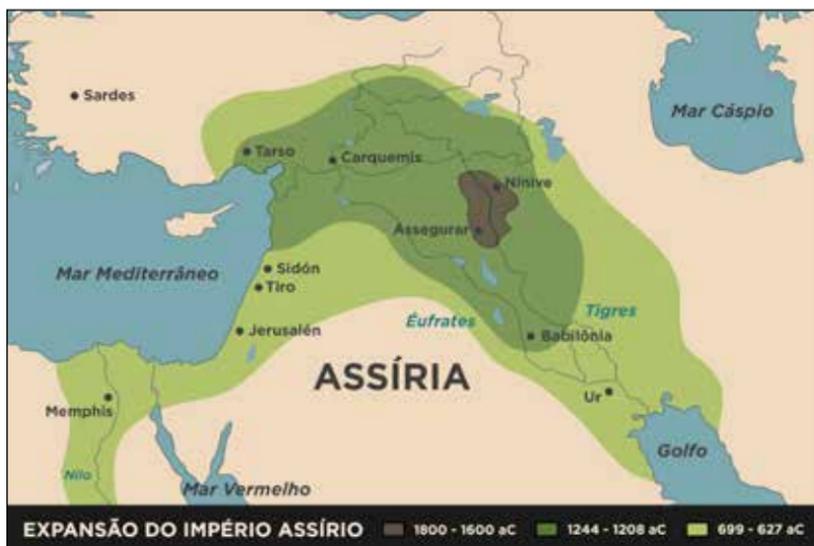
A evidência sugere claramente uma forte presença Assíria - após a queda de seu império - na área ao redor do mar Negro. E se os Assírios estavam na região do Mar Negro, eles estavam bem na entrada da Europa.

Os Hititas Absorvem a Assíria

Observe atentamente a história e a geografia da região do Mar Negro e você encontrará caminhos adicionais para a Europa disponíveis para os Assírios migrantes após a queda de Nínive. Considere o império Hitita - um império que rivalizava com os Assírios e era intimamente relacionado.

No segundo milênio aC, a antiga civilização dos Hititas, às vezes chamada de Hatti, governou a Ásia Menor a partir da Anatólia central, hoje a Turquia. As tábuas da dinastia Acadiana chamam esta região de “A Terra dos Hatti” ou os Hititas (“Ásia Menor”, WorldHistory.org, 4 de Maio de 2018). Na verdade, a terra continuou a ser conhecida por este nome séculos depois que o império Hitita foi conquistado - um testemunho de sua poderosa presença e influência. O historiador Will Durant observou: “Os Hititas estavam entre os mais poderosos e civilizados dos primeiros povos Indo-Europeus.... Vimos como Ramsés II foi forçado a fazer as pazes com eles e a reconhecer o rei Hitita como seu igual” (Nossa Herança Oriental, 1954, p. 286).

A cultura dos Hatti ou Hititas floresceu de 1400 a 1200 aC e teve muitos laços com o império Assírio a Leste. “O nome Hitita é geralmente aplicado a todas as tribos que ocuparam o território do Mar Negro ao sul até às fronteiras da Palestina.... Alguns deles eram aliados em raça aos Assírios e Fenícios e, como os Assírios e Fenícios, eles emprestaram a maioria de suas divindades, sua cultura e seus escritos



posteriores dos Babilônios” (Roscoe Lewis Ashley, *Civilização Européia Primitiva*, 1916, p. 50).

Essas conexões acabaram se tornando conflitos, e o império Hitita caiu em 1200 aC nas mãos dos conquistadores Assírios. Os postos avançados Hititas remanescentes tornaram-se cidades-estado dentro do império Assírio, que, como observa o estudioso Joshua J. Mark em *WorldHistory.org*, “carimbou a região com sua própria cultura e valores” (“Os Hititas”, 1º de Maio de 2018).

Os laços culturais e raciais entre os Hititas e os Assírios eram fortes. Muitos historiadores e arqueólogos notaram as impressionantes semelhanças entre estes dois povos, mesmo antes de suas capitais caírem e eles se combinarem e se misturarem cada vez mais na Ásia Menor.

A característica mais marcante compartilhada por Assírios e Hititas era um nível marcadamente mais alto de militarismo do que seus contemporâneos, o que os ajudou a criar e manter impérios. As táticas militares de ambos os povos enfatizavam os movimentos rápidos de tropas e a surpresa, e cada um desenvolveu uma reputação de avanço na tecnologia da guerra, como no refinamento do uso de carruagens e cavalaria.

Os Assírios não apenas exerceram grande influência sobre a Ásia Menor durante os anos de declínio do império Hitita; foi depois da queda de Nínive que as histórias dos Hititas e Assírios ficaram para sempre ligadas. De fato, uma das cidades proeminentes da Ásia Menor era freqüentemente chamada de Ninus Vetus ou Velha Nínive (Georges Perrot e Charles Chipiez, *História da Arte na Sardenha, Judéia, Síria e Ásia Menor*, Parte 2, 1890, p. 272).

A conexão e a mistura entre os dois povos fornecem um elemento importante para traçar o movimento dos Assírios após a queda de seu império. Sinais e pistas sobre a presença de Hititas no registro histórico e arqueológico nos ajudam a encontrar os caminhos percorridos por este povo mestiço após a queda de Nínive.

Em sua obra de 1891, *Os Hititas: Suas Inscrições e Sua História*, o historiador John Campbell observa que os Hititas estão “entre os exilados mais antigos da Ásia Menor” que foram expulsos da Trácia, da Macedônia e, por fim, dos estados do sul da Grécia – isto é, , mais longe da Ásia Menor e na Europa (p. 278). Campbell observa também rotas adicionais tomadas pelos Hititas, inclusive através da Cítia, no sul da Rússia, ao norte do Mar Negro, onde já localizamos viajantes Assírios. Na verdade, tantos Hititas estavam migrando pela área dos



Citas que Campbell se sente compelido a dizer: “As tribos ao norte do Mar Negro, que Heródoto chama de Cita, não eram todos Hititas” (p. 280, grifo nosso) — novamente, uma testemunha da antiga presença destes povos às portas da própria Europa.

E uma vez na soleira da porta, por que não passar pela porta?

A história sugere que estes povos, levados para o norte e para o oeste pela contínua pressão migratória dos conquistadores, acabaram fazendo exatamente isso.

Ondas de Migração Para o Coração da Europa

Em seu livro *Os Hititas: Povo de Mil Deuses*, Johannes Lehman explica uma descoberta fascinante de artefatos de um tipo particular de prática de culto - um deus montado em um touro - que traça uma linha desde a antiga Assíria até o caminho para a Europa Central:

Altanatolien por Theodor Bossert, um importante Hititologista, contém um mapa mostrando todos os locais que produziram efígies divinas em pé ou sentadas em um touro. Eles correm em linha reta da Síria a Bogazkoy e de lá ao longo do Danúbio até o Reno, com uma ramificação virando à esquerda para a Itália. Este deus montado em um touro é o deus do clima Hitita (1977, p. 81).

Essa direção noroeste desse motivo religioso - do Oriente Médio para a Ásia Menor, depois do Mar Negro para a Europa e a Alemanha - corresponderia à direção de viagem para a Europa dos povos Assírios e Hititas das mesmas regiões que muitos historiadores os colocam depois da queda de Nínive.

A menção ao Danúbio e ao Reno é digna de nota. Olhe para um mapa da Europa, particularmente com foco no canto sudeste, e você encontrará tanto o Mar Negro – onde as evidências históricas colocam os Assírios após a queda de Nínive – e a foz do famoso rio Danúbio. Você pode traçar o belo rio Danúbio cerca de 1.700 milhas a oeste e noroeste até o coração da Europa central.

Em sua clássica obra *História dos Anglo-Saxões*, o historiador do século XIX Sharon Turner observa que, de fato, ocorreram ondas de migração das terras orientais para a Europa, ajudando a formar grande parte da população que viria a habitar a região ocidental do continente. Depois de examinar o fluxo de idiomas distintos dentro da Europa, Turner observa no livro 1 de sua obra que “os fatos mais autênticos que agora podem ser obtidos da história antiga e as tradições mais prováveis que foram preservadas na Europa concordam em provar, que foi povoado por três grandes fluxos de população do leste, que se seguiram, em intervalos tão distintos, como possuindo línguas claramente separáveis umas das outras” (1852, p. 3).

O Mundo De Amanhã explorou as primeiras partes destas ondas de migrações para a Europa em outras obras, detalhando as origens dos Celtas, Cimérios e Cimri, suas conexões com o povo mais amplo chamado Citas e as migrações Israelitas para a Europa. Essas primeiras migrações correspondem ao movimento dos Israelitas após a derrota das dez tribos do norte de Israel - não das duas tribos do sul que compõem Judá - conforme explicado em nosso recurso gratuito *Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha em Profecia*.

Mas, como observa Turner, houve várias ondas de migrações povoando a Europa com povos de terras orientais, e essas ondas trouxeram mais do que Israelitas. Observe sua descrição da segunda onda migratória:

A próxima corrente de tribos bárbaras, cujo progresso formou o segundo grande influxo de população na Europa, foram as tribos Citas, Germânicas e Góticas. Eles também entraram na Ásia. É importante recordar o fato de sua locali-

dade primitiva, porque corresponde a esta circunstância, que Heródoto, além da Cítia principal, que ele coloca na Europa, menciona também uma Cítia Oriental ou Asiática, além do Cáspio e Laxartes (p. 82).

Turner então observa como esta nova onda pressionou os primeiros migrantes - que incluiriam os primeiros migrantes Israelitas - mais para o oeste, à medida que os recém-chegados ocupavam terras na Europa oriental e mais central. Mais tarde, um terceiro grupo, formado por Eslavos e Sármatas, veio do leste e, por sua vez, pressionou os Citas e Godos. Isto empurrou os Citas e Godos mais para o oeste até



Elementos-Chave Na Identificação das Rotas Migratórias Assírias: (1) Sinope é vista por alguns como um local antigo conectado à Assíria, permitindo viagens e influência Assírias além das fronteiras da nação, inclusive nas terras ao norte e oeste do Mar Negro. (2) Os Hititas dominaram a Ásia Menor, até serem conquistados pelos Assírios. (3) Os registros sugerem que a Assíria tinha interesse e envolvimento ativos em Tróia, que fornecia acesso ao oeste para a Europa. (4) A Cítia participou da queda da Assíria e, posteriormente, uma forte presença Assíria é notada em sua região e nas migrações associadas aos citas. (5) Artefatos associados à prática e ao simbolismo do culto Hitita e Assírio foram descobertos ao longo dos rios Danúbio e Reno, importantes vias navegáveis que permitem a migração para o interior da Europa. (6) Trier tem uma tradição antiga de ser um antigo posto avançado assírio.

que eles se estabeleceram e permaneceram na Europa central, com o terceiro grupo permanecendo na Europa oriental. E é basicamente onde estes povos estão até hoje: Celtas no oeste e norte, Germânicos no centro e Eslavos na parte oriental da Europa.

Outros historiadores também notaram estas ondas, identificando a segunda onda como resultante do povo Germânico na Europa central, mas tendo suas origens nas terras do Oriente Médio. Considere, por exemplo, a obra de A. H. Gifford de 1899, *Alemanha, Seu povo e sua história*. Gifford escreve sobre um capitão do mar chamado Pytheas, que navegou pela costa noroeste da Europa durante a época de Alexandre, o Grande. Lá ele encontrou “Teutões de nascimento Alemão e os Cimbrii de origem Celta. Eles vieram originalmente, acredita-se, da distante Ásia, uma tribo após a outra, a mais feroz levando as outras cada vez mais longe, até que seu avanço foi interrompido pelo amplo Atlântico ou pelo frio Mar do Norte” (p. 10).

A origem Asiática dos Alemães nesta segunda onda de migração - a mesma migração que trouxe os Citas, que estavam conectados e provavelmente infundidos com os povos Assírios pós-Nínive - também foi atestada pelo lexicógrafo William Smith, que escreveu que “os Alemães consideravam-se indígenas no país; mas não há dúvida de que eles eram um ramo da grande raça Indo-Germânica, que, junto com os Celtas, migrou para a Europa do Cáucaso e dos países ao redor dos mares Negro e Cáspio, em um período muito anterior aos registros históricos.” (Um Dicionário Clássico de Biografia, Mitologia e Geografia Grega e Romana, 1904, p. 281).

O historiador Alemão Wolfgang Menzel também localiza as origens dos Alemães entre estas pessoas, observando que os Citas ao norte do Mar Negro “eram, se não todos, pelo menos parcialmente Alemães”, migrando para a Europa logo após os Celtas e muitas vezes confundidos com eles (Alemanha do período mais antigo, traduzido por Mrs. George Horrocks, 1904, vol. 1, pp. 10 -11). Este é o mesmo povo que o historiador John Campbell identificou com os Hititas.

Vimos que os Assírios e os Hititas migraram para as terras ao sul e ao norte do Mar Negro e para as terras dos povos amplamente identificados como Citas — o povo que contribuiu para a conquista de Nínive e o fim do império Assírio. Esperaríamos que os Assírios chegassem à Europa com a segunda onda e, assim, se encontrassem na Europa central, onde os arqueólogos realmente encontraram evidências da cultura Assíria e Hitita ao longo do Danúbio e do Reno. E a se-

gunda onda de migração – nas palavras de Gifford, a migração Alemã – forneceu à Europa os ancestrais dos Alemães modernos (p. 11).

A onda que deu origem aos povos Alemães da Europa é a mesma onda que teria levado os Assírios pós-império para a Europa.

Deus, O Grande Peneirador

É claro que estas populações envolvem uma grande mistura de povos – distintos em seus grupos maiores, mas tão misturados que separar os fios de suas origens exatas é um desafio até mesmo para os historiadores, arqueólogos e antropólogos mais habilidosos.

No entanto, um caminho claro - enterrado nas pistas, comentários e observações dos historiadores - levam das terras da Assíria e da queda de seu antigo império às regiões centrais da Europa. E os destinos de todos os povos são governados e moldados pelo Deus do Céu, que irá, em Seu tempo, garantir que todos os povos e nações – incluindo os Assírios – estejam prontos para cumprir Sua profetizada conclusão para esta era da história humana. Deus declara Sua capacidade e Seu plano de selecionar cuidadosamente os indivíduos da terra para que nem o menor grão seja perdido (Amós 9:9).

Deus profetizou sobre o papel ainda futuro dos Assírios – um poderoso povo do fim dos tempos – nos eventos climáticos da história humana. O que vimos nos registros históricos deve nos levar a perguntar: existe uma nação poderosa na Europa central que pareça se encaixar no que sabemos sobre a nação e o povo da antiga Assíria e que poderia cumprir tudo o que sabemos sobre o futuro papel da Assíria nos dias logo à frente? Sim, existe: a potência moderna da Alemanha.

Capítulo 4

Conexões e Paralelos

De todas as nações modernas do mundo, a Alemanha se destaca como a personificação moderna do antigo Império Assírio, preparada por Deus para cumprir as profecias do fim dos tempos! Além das antigas migrações que conectam estas nações, simplesmente não há outro povo no mundo cuja história, capacidades e talentos os tornem melhores candidatos ao manto Assírio do que o povo Alemão. Mesmo agora, considerando o papel central que desempenhou historicamente em eventos que moldaram o mundo inteiro, a Alemanha é uma nação prestes a ascender a uma posição de liderança mundial em um momento em que os EUA estão em relativo declínio.

Ao longo da história, os Alemães foram unificados em certos momentos e divididos em outros. Otto von Bismarck uniu-se como um de 22 estados de língua Alemã e três cidades Hanseáticas - separadas, mas todas Alemãs. Hoje, os Alemães enfrentam questões sobre a identidade, o propósito e o destino de sua nação.

Em 2015 e 2016, uma onda de imigrantes inundou a Europa após a guerra civil Síria, e milhares de refugiados Sírios cruzaram as fronteiras da Alemanha, atraídos pelas políticas favoráveis aos refugiados da chanceler Angela Merkel. Não muito depois da crise, que levou muitos Alemães a refletir sobre a questão do que significa “ser Alemão”, a revista científica *Wissenschaft* publicou um artigo apontando que a Alemanha há muito tempo era uma nação de imigrantes:

Nós, Alemães, em particular, gostamos de nos ver como típicos Centro-Europeus - como um povo com raízes culturais de longa data, mas também genéticas. Esta é uma das razões pelas quais os refugiados do Oriente Médio são considerados “estrangeiros” por muitos. Mas, na realidade, estamos muito mais próximos dos migrantes do que pensamos... porque também remontamos a uma longa série de migrantes – e a maioria deles veio da casa dos refugiados de hoje (“Por que ‘as raízes Alemãs’ não existem,” 18 de Maio de 2017, traduzido do original).

Isto é consistente com as migrações pós-império dos Assírios que já exploramos.

As conexões entre a potência central Européia da Alemanha e os antigos Assírios podem ser surpreendentes, mas não são imaginárias. Além do momento das migrações, que teriam trazido os Assírios para a Europa ao mesmo tempo em que trouxeram as pessoas que se tornaram os Alemães, há outras conexões notáveis entre esta nação moderna e o antigo império. Vejamos apenas algumas.

O Curioso Caso de Trier

Considere, por exemplo, a cidade de Trier, considerada por muitos como a cidade mais antiga da Alemanha. Embora seja amplamente considerada hoje como uma cidade fundada pelos Celtas, eventualmente conquistada e dada importância central pelos Romanos, as lendas Alemãs que remontam pelo menos ao século XI dC citam uma origem Assíria para a cidade, conectando-a aos descendentes de Ninus, ou o bíblico Nimrod (Hubertus Günther, “As Origens Babilônicas de Trier,” *A Busca por Um Passado Apropriado na Literatura, na Arte e na Arquitetura*, 2018, pp. 586–616). Os visitantes de Trier ainda podem ler uma afirmação das origens Assírias da cidade em uma inscrição em uma casa histórica no mercado da cidade.

Embora a ideia de um posto avançado ou colônia da Assíria - estabelecida muito antes da eventual queda de Nínive e da resultante migração em massa dos Assírios - possa parecer improvável para alguns, tais tradições orais muitas vezes têm suas raízes na verdade. E por que tal conexão persiste entre a cidade mais antiga da Alemanha e o antigo povo Assírio é uma pergunta que vale a pena ser feita – uma pergunta respondida pela provável presença de Assírios às portas da Europa antes mesmo da destruição de seu império, como já vimos.

Paralelos Difíceis de Ignorar

Após o reinado de Adolf Hitler na Alemanha, muitos paralelos com a Assíria e a Alemanha não passaram despercebidos por observadores e historiadores. Klaus Fischer, professor de história e filosofia no Allan Hancock College, escreve sobre aquela época:

Rituais engenhosos foram concebidos para quebrar a individualidade: colunas em marcha, comícios de massa... era um brilho de beleza sinistra que o mundo não via desde os dias dos antigos Assírios... A maioria destes planos grandiosos (colonizar a Rússia, anexar a Crimeia etc.) foram adiadas pelas exigências da guerra, mas refletem a natureza Assíria da política Alemã em relação aos povos conquistados (Alemanha Nazista: Uma Nova História, 1995, pp. 342, 496, grifo nosso).

A Leo Oppenheim, um renomado historiador da Universidade de Chicago, observou as tendências extremamente nacionalistas dos antigos Assírios, incluindo “um forte senso de participação em um modo de vida comum e nativo” - semelhante à ideia Alemã de um *volk* ou povo (Antiga Mesopotâmia: Retrato de Uma Civilização Morta, 1979, pp. 66).

Como os Assírios, “os Alemães sempre tiveram a reputação de serem militarmente duros, não apenas no século XX, mas ao longo da história” (Dan Carlin, *O Fim Está Sempre Próximo*, 2019, p. 72). No entanto, esta capacidade para o militarismo atingiu um clímax terrível sob o regime Nazista, que transformou a Alemanha em uma sociedade totalmente militarizada, capaz de eficiência brutal e de apoiar movimentos rápidos de tropas para pegar os inimigos completamente desprevenidos com a força e a velocidade de seu ataque - muito parecido com os Assírios e Hititas de antigamente. De fato, os Assírios eram conhecidos por serem “especialmente apaixonados pela guerra, que travavam contra seus inimigos com ferocidade e crueldade” e por deportarem dezenas de milhares de povos conquistados (Roscoe Lewis Ashley, *Civilização Europeia Primitiva*, 1921, pp. 44–45) – uma caracterização difícil de ignorar quando se considera a história da Segunda Guerra Mundial.

É claro que a crueldade da Alemanha Nazista não parou nas deportações forçadas, e o Holocausto também encontra seu equivalente na antiga Assíria, como muitos historiadores observaram. De Novem-

bro de 2018 a Fevereiro de 2019, o Museu Britânico convidou o mundo a observar a “brutalidade eficiente” do império Assírio em sua exposição “Eu sou Ashurbanipal”. Em sua crítica para o *The Guardian* sobre os antigos relevos de pedra da Assíria em exibição na exposição, a opinião do crítico de arte Jonathan Jones sobre o que viu foi resumida em seu título: “Algumas das imagens mais terríveis já criadas”. Jones observou como os Assírios registraram e ilustraram com cuidado e orgulho em vastos relevos de pedra sua “eficiente brutalidade”. Depois de citar apenas um exemplo da crueldade Assíria aplicada a um povo que se rendeu, registrado nas palavras do próprio rei Ashurbanipal, o historiador Arther Ferril observou: “Este documento horrível é quase tão revoltante quanto as fotografias dos campos de concentração Nazistas e tem poucos paralelos na história” (*As Origens da Guerra: Da Idade da Pedra a Alexandre, o Grande*, 1985, p. 69).

Por trás da brutalidade havia um nível avançado de organização semelhante à natureza ordenada e sistemática associada à Alemanha moderna. “Ashurbanipal tinha o que era necessário para lutar contra leões, mas foram suas habilidades administrativas que o tornaram um triturador e destruidor de pessoas bem-sucedido”, afirma Jonathan Jones em sua crítica ao *The Guardian*. “Esta excelente organização... foi a verdadeira originalidade do Império Assírio. Era precocemente moderno em seu rigor organizacional. Ashurbanipal não foi um conquistador romântico.... Ele era o CEO de uma empresa global implacável.”

Novamente, os paralelos não podem ser escapados. “Assim como Hannah Arendt argumentou que o Holocausto foi perpetrado por traficantes de papel sem caráter, não por sádicos extravagantes”, observou Jones, “assim descobrimos aqui que as atrocidades Assírias – incluindo o reassentamento forçado de milhares de Israelitas – não foram o produto de caos aleatório mas organização diligente.”

E mesmo o observador mais casual revisando os símbolos e ícones dos antigos Assírios e Hititas ao lado dos símbolos associados aos povos e impérios Germânicos da Europa, bem como os símbolos proeminentes da Alemanha Nazista, notará as semelhanças. O deus Assírio Assur é frequentemente retratado como um guerreiro em um disco solar com asas de águia - um disco às vezes com raios (*Explorando o Padrão e o Ideograma da Suástica*, Instituto Indiano de Tecnologia, Julho de 2016, p. 135). Os Hititas usavam tanto o disco alado quanto os motivos da suástica em seus relevos gravados, estandartes de bronze e discos



Antigo baixo-relevo Babilônico e Assírio agora no Museu Britânico, do Palácio Nimrud do rei Ashurnasirpal



A cruz de ferro usada como condecoração militar pelo rei Frederico Guilherme III e pela Alemanha Imperial e Nazista pode ser vista pendurada no pescoço do rei Assírio Shamshi-Adad V na gravura do século IX aC à direita.



O relevo da águia Hitita de duas cabeças à esquerda e o deus Assírio Ashur representado em um disco solar alado à direita convidam a comparações com a águia de duas cabeças do Sacro Império Romano e a águia e o disco da suástica da Alemanha Nazista.

O célebre Assiriólogo Britânico A. H. Sayce, da Universidade de Oxford, acreditava que o símbolo da suástica provavelmente se originou com os Hititas e se espalhou para outras culturas (xxi, Trojas, Heinrich Schliemann, 1881). As suásticas Troianas à direita aparecem em um relevo Hitita representando o rei Warpalawas adorando um deus da tempestade.



solares, bem como a águia de duas cabeças. Tal imagem está fortemente presente nas culturas da Alemanha, Prússia e Áustria, e também deixou sua marca no Sacro Império Romano. A imagem da águia Nazista e da suástica está gravada na mente e na consciência de qualquer pessoa familiarizada com a história da Segunda Guerra Mundial. A Cruz de Ferro, instituída como condecoração militar na Prússia pelo rei Frederico Guilherme III e usada pela Alemanha Imperial e Nazista, também é vista pendurada no pescoço do rei Assírio Shamshi-Adad V em uma estela gravada do século IX aC.

Que Outra Nação Se Encaixa?

Não esqueçamos que as imagens de culto religioso Assírio e Hitita de um deus montado em um touro foram encontradas em artefatos ao longo do Danúbio, no sul da Alemanha, e ao longo do Reno, na parte ocidental da nação. Algum tipo de conexão é certo.

E que outra grande potência no mundo possui tal coleção de conexões com os antigos Assírios - em caráter cultural, simbolismo cultural e tempo e localização migratória? Se a Assíria não é apenas uma pequena coleção de povos dispersos, mas é, em vez disso, uma nação dinâmica e militarmente poderosa, capaz de exercer sua vontade sobre os outros e desempenhar um papel fundamental no fim dos tempos - assim como a Bíblia a descreve - que outra nação ou pessoas se encaixa mais de perto do que a Alemanha?

Capítulo 5

A Alemanha Impulsiona a Profecia

Vimos que Isaías profetizou sobre uma “vara” Assíria do fim dos tempos (Isaías 10:5) que Deus usaria nos últimos dias. Quando consideramos como Deus usou o povo Alemão e os impérios históricos Alemães para impulsionar os eventos proféticos, é difícil ignorar o entrelaçamento íntimo da história Alemã com a do Sacro Império Romano—uma entidade política crucial para o cumprimento do tempo do fim besta do Apocalipse.

Esta “besta” profetizada é abordada com muito mais detalhes em nosso recurso gratuito *A Besta do Apocalipse: Mito, Metáfora ou Realidade Breve?* Aqui, vamos resumir o que precisamos saber.

Tanto Daniel quanto o Apóstolo João, vivendo separados por séculos, receberam visões de uma série de reinos de “superpotências” que reinariam ao longo da história até o regresso de Jesus Cristo. Daniel viu quatro reinos descritos como bestas. Primeiro, ele viu um leão, representando o Império Babilônico sob o qual ele vivia. Depois ele viu um urso, simbolizando o Império Medo-Persa a seguir, e depois um leopardo, representando o veloz Império Greco-Macedônio de Alexandre, o Grande. A quarta besta, no entanto, era diferente de qualquer animal natural - representando o Império Romano que eventualmente se seguiu ao de Alexandre. O discípulo de Jesus, João, vivendo na época do Império Romano, acrescentou detalhes fascinantes, ilustrando como Roma havia absorvido características dos impérios que a precederam: “E eu pus-me sobre a areia do mar e vi subir do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres, e, sobre os chifres,

dez diademas, e, sobre as cabeças, um nome de blasfêmia. E a besta que vi era semelhante ao leopardo, e os seus pés, como os de urso, e a sua boca, como a de leão; e o dragão deu-lhe o seu poder, e o seu trono, e grande poderio.” (Apocalipse 13:1-2).

Foi mostrado a João como esta besta, o Império Romano, sofreria muitos declínios e muitos reavivamentos ao longo do tempo, simbolizados pelas sete cabeças. Ele escreve: “E vi uma de suas cabeças como ferida de morte, e a sua chaga mortal foi curada” (Apocalipse 13:3). O que foi esta ferida mortal? O Império Romano caiu nominalmente em 476 dC, mas antes disto o Império já havia se dividido em metades oriental e ocidental. A metade ocidental caiu, mas a metade oriental - governada por Constantinopla - não entrou em colapso. Então, qual foi a cura da ferida mortal?

Um Sonho de Reunificação

As tribos Germânicas governaram Roma por várias décadas depois de 476 dC antes da “Restauração Imperial” ocorrer em 554 dC, auxiliadas pelo apoio papal dado ao imperador bizantino Justiniano. Isto reforçou uma aliança igreja-estado em andamento que se tornaria uma fonte de estabilidade e unidade na Europa nos séculos seguintes. Assim como as Escrituras usam animais para simbolizar nações, muitas vezes usam mulheres para retratar sistemas religiosos. Em Apocalipse 17, João vê uma prostituta montada em uma besta, simbolizando uma poderosa igreja falsa exercendo sua influência sobre os sucessivos avivamentos de Roma. E, de fato, nos renascimentos do Império Romano que se seguiram à “Restauração Imperial”, a religião continuou a desempenhar um papel, muitas vezes como parte de uma desconfortável aliança igreja-estado – exatamente como João previu.

Mas o anjo me disse: “Por que te admiras? Eu te direi o mistério da mulher e da besta que a traz, a qual tem sete cabeças e dez chifres. A besta que viste foi e já não é, e há de subir do abismo, e irá à perdição. E os que habitam na terra (cujos nomes não estão escritos no livro da vida, desde a fundação do mundo) se admirarão vendo a besta que era e já não é, mas que virá.” (Apocalipse 17:7-8).

Quanto às sete “cabeças” ou governos que seriam revividos, podemos de fato identificar vários ressurgimentos proeminentes do Impé-

rio Romano que já ocorreram ao longo dos séculos – e isto revela uma tendência importante. Enquanto Justiniano - o primeiro imperador a reviver o Império Romano após sua “ferida mortal” - era de fato Romano, a maioria dos reis subseqüentes com ambições de reunir o Império Romano eram Germânicos. Uma poderosa mistura de ideias, tradições e oportunidades parecem ter se reunido na vida destes indivíduos construtores de impérios que moldaram a história Germânica.

Vale a pena revisar essa história e sua conexão com o Sacro Império Romano, para ver como Deus usou o povo Alemão para Seus propósitos de levar adiante a profecia - e como Ele os usará novamente.

Reis Germânicos e o Destino Da Europa

Carlos Magno - também conhecido como Carlos ou Carlos, o Grande - foi um poderoso guerreiro que uniu as terras Alemãs em sua tentativa de remontar o Império Romano. Em 768, ele se tornou rei dos Francos, uma tribo Germânica que vivia em uma área que hoje inclui grande parte da Bélgica, França, Luxemburgo, Holanda e oeste da Alemanha. Ele era um fervoroso defensor da Igreja Católica Romana, convertendo povos conquistados a essa fé - tanto que ganhou o favor do Papa Leão III (ca. 750–816), que o coroou Imperador dos Romanos.

Essa mesma ideia de unir a Europa sob a bandeira da “Cristandade” ardeu no coração dos primeiros imperadores Alemães do Império Romano, como Otto, o Grande. Visto por muitos historiadores como o primeiro verdadeiro Sacro Imperador Romano, Otto tentou unir a Europa mais de 150 anos depois de Carlos Magno, revivendo o que ficou conhecido como Sacro Império Romano. No século XVI, esse império tornou-se o Sacro Império Romano da Nação Alemã - um nome oficializado na Dieta de Colônia em 1512 e mantido até 1806.

Ao longo do caminho, outros líderes Alemães como Frederick Barbarossa (Frederick I de Hohenstaufen), proclamado “mestre do mundo” pelo imperador Bizantino, também desempenhou um papel significativo. Sob esses líderes, a Alemanha se tornou o reino mais poderoso de toda a Europa. Por volta de 1530 dC, Carlos V - um rei Germânico descendente da dinastia dos Habsburgos por meio de seu pai - foi coroado Sacro Imperador Romano pelo Papa Clemente VII.

No início dos anos 1700, Frederico Guilherme I da Prússia colocou a Alemanha em seu curso militarista moderno. Seguindo a ideologia da família Hohenzollern de que a terra e a força militar eram as chaves para o poder nacional, ele decidiu construir o exército mais forte e mais

bem treinado da Europa. Na época de sua morte, a Prússia havia se tornado reconhecida como a potência mais completamente militarizada da Europa — e uma das mais autossuficientes e prósperas (“Frederick William I”, Britannica.com, 10 de Agosto de 2022).

Seu filho, Frederico, o Grande, transformou a Prússia no “estádio” da Europa e em uma potência de classe mundial. Frederick era um administrador visionário que estabeleceu um governo centralizado e um serviço civil profissional para administrar seu reino em expansão. Como rei, “ele não tinha utilidade para as formas do direito internacional”, invadindo sem declarar guerra, criando então um pretexto para suas aventuras desejadas (John Laffin, Jackboot, 1989, p. 6). Para Frederick, a guerra era um negócio sério a ser vencido da maneira mais rápida e eficiente possível. Suas táticas favoritas envolviam surpresa, astúcia e audácia em atacar inimigos de força superior. Ele surpreendeu seus adversários com sua “capacidade de se recuperar continuamente e se levantar novamente” (p. 18). Frederick começou seu reinado como humanitário, apenas para ser transformado em um implacável martelo da terra - emulando os primeiros Fredericks Alemães.

O Militarismo Prussiano Se Expande

Após a derrota da Prússia por Napoleão, o exército Prussiano foi reorganizado, e a tradição militarista Hohenzollern logo viria a permear toda a Alemanha. Gerhard von Scharnhorst, um teórico e organizador brilhante, estabeleceu academias militares, construiu um novo tipo de exército e lançou as bases para o que se tornou o grande Estado-Maior Alemão (“Gerhard Johann David von Scharnhorst”, Britannica.com, 24 de Junho de 2022). Este grupo de soldados profissionais planejava a guerra mesmo em tempos de paz e preparava as futuras gerações de oficiais. Sob a direção de Scharnhorst, toda a população da Prússia foi doutrinada na ideologia da guerra.

O aluno mais dedicado de Scharnhorst, Karl von Clausewitz, acreditava que a guerra era apenas uma continuação da política por outros meios - uma crença refletida na famosa declaração de Bismarck: “Não é por meio de discursos e resoluções da maioria que as grandes questões do dia serão decididas. ... mas por sangue e ferro.” Foi esta tradição Prussiana — autoritária, antidemocrática, militarista e expansionista — que preparou o caminho para a ascensão da Alemanha Imperial, dos Nazistas e das atrocidades do Terceiro Reich.

De fato, após o renascimento sob Justiniano, a maioria das tentativas de reviver o Império Romano tinha características distintamente Alemãs e eram frequentemente lideradas por líderes Germânicos. Os papas da Idade Média declararam o Sacro Império Romano da Nação Germânica como o “Reino de Deus” na terra, e o povo Alemão sentiu o peso de carregar o fardo Romano de unificar a Europa e proteger a “Cristandade”, como se possuíssem uma missão especial de Deus.

Terceiro Reich, Sexto Renascimento

Quando Napoleão foi derrotado, também foi o quinto renascimento do Império Romano. (Consulte nosso recurso gratuito *A Besta do Apocalipse: Mito, Metáfora ou Realidade em Breve?* para obter detalhes.) Mas esse império não se foi para sempre. No final do século XIX, um sexto avivamento estava começando a surgir. Surgiria na Alemanha e na Itália e culminaria em duas guerras mundiais - as guerras mais caras e mortais já vistas na história da humanidade.

Hitler subiu ao poder durante a turbulência de uma depressão econômica mundial. Mas em 1945, após seis anos de guerra total, toda a nação da Alemanha estava prostrada em derrota, dividida em Leste e Oeste. Seus sonhos de conquista mundial foram frustrados, sua economia foi devastada e suas cidades foram reduzidas a escombros. Embora restem poucas testemunhas oculares para contar a história, uma geração inteira foi devastada por seis anos de guerra total. No mundo desde 1945: A história das relações internacionais, os historiadores Wayne McWilliams e Harry Piotrowski pintam um quadro sombrio dos destroços deixados por aquele enorme conflito:

A carnificina da Segunda Guerra Mundial foi tão grande que está além da compreensão. Grande parte da Europa e do Leste Asiático estava em ruínas. Vastos trechos de ambos os continentes foram destruídos duas vezes, primeiro quando foram conquistados e novamente quando foram libertados.... É impossível saber o número total de vidas humanas perdidas nesta guerra, mas algumas estimativas ultrapassam 70 milhões de pessoas. O sofrimento e a tristeza, a angústia e o desespero dos sobreviventes da guerra perduraram muito depois que as últimas bombas caíram e as comemorações da vitória terminaram. Nunca na história uma parte tão grande da

raça humana foi tão desenraizada. Só na Europa havia aproximadamente 65 milhões de refugiados (2009, pp. 11–12).

Os primeiros anos após a guerra foram tempos desesperados para aqueles que sobreviveram; muitos morreram, sem abrigo e comida adequados.

O inferno da Segunda Guerra Mundial deixou muitas cidades devastadas e vazias. Dresden, Hamburgo e Berlim na Alemanha... foram virtualmente achatadas.... Quando se considera a morte, a destruição, o sofrimento e o deslocamento social que a guerra trouxe, fica claro que a Segunda Guerra Mundial foi muito mais do que uma série de campanhas militares heróicas e mais do que um conjunto de jogos de guerra a serem jogados e repetidos por nostálgicos fãs de guerra. Foi angústia e agonia humana em uma escala sem precedentes (pp. 13-14).

A Alemanha Nazista e a Itália de Mussolini submeteram o resto da Europa – e nações ao redor do globo – a seis anos de guerra total. E, enquanto a guerra devastava o continente, o líder Alemão Adolf Hitler planejou realizar outra devastação - a escravização, a fome e o assassinato de cerca de seis milhões de pessoas simplesmente porque eram Judeus. John Ardagh escreveu em 1987 que “a magnitude tanto do crime Nazista quanto da derrota militar exigiu uma ruptura radical com o passado e um repensar total dos valores e da sociedade Alemães, de uma forma que nunca havia acontecido depois de 1918. E, depois Após o período inicial de exaustão paralisada e desespero, os Alemães encontraram a vontade e a energia para responder a este desafio” (Alemanha e os Alemães, pp. 8–9). Os Alemães realmente encontraram essa vontade e energia - e as décadas desde 1945 foram nada menos que milagrosas.

Capítulo 6

Uma Ferramenta Nas Mãos de Deus

Financeiramente devastada após a Primeira Guerra Mundial e economicamente aleijada após a Segunda Guerra Mundial, uma Alemanha dividida traçou dois caminhos distintos quando a Guerra Fria começou. A Alemanha Oriental encontrou seu lugar no Pacto de Varsóvia como uma nação comunista aliada à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. A Alemanha Ocidental recebeu ajuda ocidental para reconstruir e encontrar seu lugar na Organização do Tratado do Atlântico Norte, buscando aliança e sustento nas nações capitalistas do primeiro mundo.

E reconstruiu. A recuperação econômica extremamente rápida da Alemanha do pós-guerra na década de 1950 costuma ser chamada de *Wirtschaftswunder*, ou “milagre econômico”. Ajudada pela reforma monetária que deteve a inflação, política econômica sabiamente planejada e administrada, bilhões de dólares de ajuda dos EUA do Plano Marshall e um foco maciço de vontade e esforço humano no aumento da produção e do lucro, o *Wirtschaftswunder* Alemão transformou rapidamente a derrotada Alemanha Ocidental em uma potência econômica global. Como James Sheehan, professor de história na Universidade de Stanford, escreveu para Britannica.com:

Grande parte do sucesso da Alemanha pós-Segunda Guerra Mundial foi resultado da renomada diligência e auto-sacrifício de seu povo, sobre o qual o romancista Günter Grass, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1999, observou:

“Ser Alemão é tornar o impossível possível.” Acrescentou, de forma mais crítica: “Pois no nosso país tudo está orientado para o crescimento. Nunca estamos satisfeitos. Para nós o suficiente nunca é suficiente. Queremos sempre mais. Se está no papel, transformamos em realidade. Até em nossos sonhos somos produtivos” (“Alemanha”, 9 de Novembro de 2022).

Leste e Oeste—Reunificados

A reunificação da Alemanha Oriental e Ocidental em 1990 desafiou este progresso contínuo, já que o chanceler Alemão Helmut Kohl e outros líderes da Alemanha Ocidental não haviam compreendido totalmente a divisão econômica e cultural que havia crescido entre o Oriente e o Ocidente durante suas décadas de separação. A Alemanha Oriental precisava de ajuda financeira, e seu povo frequentemente lutava para encontrar um lugar em uma economia capitalista vibrante, mas desafiadora.

Mas os esforços de reunificação persistiram, com grande sucesso. Hoje, a economia da Alemanha é uma das maiores, mais fortes e estáveis do mundo. Seus salários e padrão de vida estão entre os mais altos do mundo. O militarismo que levou a nação à Primeira Guerra Mundial e à Segunda Guerra Mundial foi, segundo muitos relatos, substituído por um desejo sincero de democracia pacífica que seria impensável na era de Bismarck e Hitler.

Os líderes Alemães sabiam que uma Alemanha reunificada seria uma força a ser enfrentada pelo mundo. Na época da reunificação, o chanceler Kohl disse ao Parlamento da Alemanha Ocidental: “Percebemos que uma Alemanha unida assumirá uma importância especial dentro da estrutura política e econômica da Europa de amanhã”. Ele continuou com um tom mais sóbrio e até cauteloso: “Sabemos desde o início que a unidade da Alemanha terá um efeito fundamental e, é claro, emocional em todos os nossos vizinhos. Quase todos eles sofreram muito sob a violência do regime Nazista e devemos entender as perguntas que muitos deles se fazem e a nós hoje” (Alan Watson, *Os Alemães*, 1992, p. xxi).

Kohl reconheceu que a Alemanha havia levado a Europa — e o mundo — através da guerra mais devastadora da história, e admitiu que os observadores compreensivelmente se preocupariam com sua reunificação e revitalização.

Mas os desafios da reunificação foram superados – e a Alemanha tem sido, de muitas maneiras, um motor de crescimento que impulsionou a União Europeia de uma forma que nenhuma outra nação conseguiu.

Assim como a Assíria e Israel se enfrentaram no passado antigo, a Alemanha em duas guerras do século XX enfrentou os descendentes das tribos do norte de Israel. No entanto, surpreendentemente, em poucos anos após seu maior confronto, os antigos inimigos se tornaram poderosos aliados, buscando juntos manter a paz no mundo ocidental por meio de diplomacia e comércio. E a nação Alemã, depois de séculos tentando reconstruir o mundo por meio do que Bismarck chamou de caminho de “sangue e ferro”, tornou-se conhecida por buscar uma diplomacia pacífica e resistir a apelos ao conflito. Castigada pela vergonha de seu passado Nazista, a Alemanha durante décadas evitou se afirmar militarmente.

Mas, diante de uma Europa em dificuldades, desafiada por uma Rússia forte e ambiciosa a leste, quão passiva a Alemanha permanecerá? O estudioso Holandês René Cuperus ecoou preocupações Europeias generalizadas sobre “como domar o poder Alemão e reconciliá-lo com a Europa como um todo” (“Devemos temer uma Alemanha mais poderosa?”, BrusselsReport.eu, 7 de Setembro de 2021). O proeminente historiador Alemão Andreas Rödder abordou o dilema da necessidade da liderança Alemã na Europa e seus medos do domínio Alemão em seu livro de 2018, *Wer Hat Angst vor Deutschland?* (Quem Tem Medo da Alemanha?). Mesmo nos últimos anos, a assertividade Alemã levou a acusações de intimidação política perigosa (“Polônia acusa Alemanha de tentar formar o ‘Quarto Reich’”, DW.com, 24 de Dezembro de 2021).

“Os Mutáveis Alemães”

Estas questões e preocupações não são infundadas. Até onde a Alemanha estará disposta a ir para “retificar” os desequilíbrios e desigualdades percebidas no desenvolvimento econômico da Europa e na defesa continental? Poderia a Alemanha, no século XXI, chegar a um ponto em que as frustrações se transformam em ações agressivas? É concebível um Quarto Reich?

Muitos observadores experientes temem que os pontos fortes que uma Alemanha extraordinariamente talentosa demonstrou ao longo da história também carregam o potencial de danos terríveis.

Inegavelmente, vista da perspectiva dos séculos, a história Alemã revela um potencial para grande moderação, bem como grande militarismo. Considere esta análise do Instituto Americano de Estudos Alemães Contemporâneos da Universidade Johns Hopkins:

A política Alemã é normalmente caracterizada por uma continuidade cautelosa, finamente equilibrada e lenta para se adaptar às mudanças das circunstâncias. Mas continua capaz de surpreender. Na semana passada, o chanceler Olaf Scholz e seu governo realizaram uma revolução na política externa da Alemanha, descartando em questão de dias as suposições antiquadas dos sonhos pós-Guerra Fria de Berlim. Décadas de tabus e sensibilidades Alemãs se dissolveram em meio de aplausos dos principais partidos e cânticos pró-Ucranianos de mais de meio milhão de manifestantes no centro de Berlim (“Putin acidentalmente iniciou uma revolução na Alemanha”, Política Externa, 27 de Fevereiro de 2022).

O correspondente da BBC, Damien McGuinness, escreveu de forma semelhante sobre a surpreendente mudança de curso da Alemanha provocada pela invasão Russa da Ucrânia:

A Alemanha acaba de testemunhar um dia verdadeiramente histórico. O chanceler Olaf Scholz só chegou ao poder em Dezembro, mas em 24 horas transformou a política externa da Alemanha moderna. Durante uma sessão parlamentar de emergência na Ucrânia no domingo, o chanceler Scholz anunciou um adicional de US\$ 113 bilhões (£ 84 bilhões) para o exército Alemão. Houve uma onda audível de choque no parlamento. Alguns deputados aplaudiram, alguns vaiaram, outros ficaram chocados.... Em poucos dias, Vladimir Putin conseguiu fazer o que os aliados da Otan passaram anos tentando conseguir: um aumento maciço dos gastos militares na Alemanha. Esta é sem dúvida uma das maiores mudanças já vistas na política externa Alemã do pós-guerra (“Conflito na Ucrânia: a guerra de Putin provoca uma reviravolta dramática na Alemanha”, 27 de Fevereiro de 2022).

Muitos escritores descreveram este fenômeno sóbrio, capturado

sucintamente pelo jornalista Italiano Luigi Barzini como “Os Mutáveis Alemães” – título de um capítulo de seu livro de 1983, Os Europeus. Quando Barzini visitou Berlim no início dos anos 1930 como correspondente de guerra, viu uma cidade que era a “capital artística da Europa”, repleta de “mostras de arte de vanguarda, filmes de vanguarda” e “experimentos de todos os tipos” (pág. 75). Vários anos depois, depois que os Nazistas chegaram ao poder, Barzini viu uma Berlim muito diferente, repleta de “homens rígidos em uniformes imaculados” ao lado de mulheres elegantemente vestidas e famílias robustas (pp. 77-78). Barzini comentou: “Eu vi o país estranhamente maleável gradualmente receber uma nova forma dos Nazistas.... Assustadores acima de tudo eram os rostos jovens, saudáveis e bem lavados dos soldados, seus olhos brilhando com uma fé fanática enquanto eles marchavam, cantando canções marciais” (pp. 79, 81).

Esta tendência à transformação militarista é talvez o aspecto mais perigoso da nação Alemã. Soldados Alemães marcharam para fora da Alemanha e pela Europa inúmeras vezes na história. A Segunda Guerra Mundial começou em 1939, quando Adolf Hitler descaradamente quebrou acordos com as nações vizinhas. Unidades de tanques Panzer lideraram a blitzkrieg Alemã (guerra relâmpago). U-boats rondavam o Atlântico em matilhas de lobos e os recém-desenvolvidos foguetes V-1 e V-2 causavam morte e destruição na Inglaterra. Milhões de Judeus, Tchecos e Poloneses foram deportados para trabalhar como trabalhadores escravos em fábricas Alemãs e enfrentaram a morte em campos de concentração.

“Nem Seu Coração Pensa Assim”

Nada disto é para dizer que o povo da Alemanha deseja um Quarto Reich – nem nada a ver com os conflitos profetizados que virão, nos quais sua nação desempenhará um papel central.

Lembre-se da passagem “Ai da Assíria” de Isaías 10. Deus revela através de Isaías que Deus usará a Assíria para expressar Sua indignação e devastar as modernas nações descendentes de Israel. Mas Ele também diz da Assíria que “Ainda que ele não cuide assim, nem o seu coração assim o imagine” (v. 7). Ainda assim, as ambições da nação a levarão a “destruir e desarraigar” várias nações – as nações que Deus designou para destruição e cativeiro antes da volta de Cristo.

Parte deste conflito interno pode ser atribuído à influência de futuros líderes inspirados por demônios. É digno de nota que Deus ins-

pirou o profeta Daniel a descrever os governos humanos como bestas; muitas vezes, sob a influência de Satanás, o diabo, os líderes humanos se comportam como predadores vorazes, manipulando as pessoas a quem foram designados para servir e destruindo por egoísmo e ganância.

Deus revelou a Daniel uma verdade importante sobre a influência malévola de Satanás — a quem Paulo mais tarde descreveria como o “deus deste século” (2 Coríntios 4:4) — e seus demônios. Certa vez, enquanto Daniel estava orando e jejuando, um poderoso anjo revelou a ele uma mensagem encorajadora (Daniel 10:12), mas notou que ele havia sido retardado pela oposição do “príncipe do reino da Pérsia” (Daniel 10:13) — um espírito maligno e demoníaco influenciando o líder daquele império. O livro do Apocalipse também descreve demônios influenciando os líderes mundiais no fim dos tempos (Apocalipse 16:13–14).

Vimos anteriormente como os Assírios podiam ser cruéis, mas os historiadores notaram que sua brutalidade selvagem pode ter sido causada por seus líderes. Como o historiador Dan Carlin observou: “Quando alguém lê o que eles [os reis Assírios] escreveram sobre seus feitos, sente-se como se os Assírios não tivessem apenas um governante ruim no estilo de Hitler, mas todos eram assim. O ‘estilo de corte’ artístico dos relevos reais da Assíria é genocida” (O Fim Está Sempre Próximo, p. 73, ênfase no original).

Muitos observadores atentos notaram a probabilidade de Adolf Hitler estar sob influência demoníaca. Em seu trabalho de 1978, O Deus psicopata: Adolf Hitler, o historiador Robert G. L. Waite observou uma lembrança incomum do amigo de infância de Hitler, August “Gustl” Kubizek. Quando Kubizek e Hitler estavam no final da adolescência, acordados até tarde e olhando para as estrelas, Hitler de repente começou a olhar intensa e incomum para seu amigo, seus olhos “ardendo de paixão” quando ele começou a falar de si mesmo de uma maneira messiânica, como alguém que um dia receberia uma grande comissão para liderar seu povo. A atitude de Hitler naquele momento surpreendeu Kubizek, que observou:

Era como se outro ser falasse de seu corpo e o comovesse tanto quanto a mim. Não era de forma alguma o caso de um orador se deixar levar por suas próprias palavras. Pelo contrário; Tive a sensação de que ele mesmo ouvia com espanto e

emoção o que dele brotava com força elementar. Não tentarei interpretar este fenômeno, mas foi um estado de completo êxtase e arrebatamento (edição de 1993, p. 178, grifo nosso).

A profecia indica que um líder carismático e perigoso - a infame besta do Apocalipse - mais uma vez conduzirá sua nação à frente do renascimento final do Império Romano no coração da Europa. A humanidade não cresceu além da capacidade de atrocidade - ou da capacidade de ser manipulada por líderes que veem o grande mal como se fosse um grande bem. Muito pelo contrário: O que aconteceu antes pode e acontecerá novamente.

Capítulo 7

“Assíria, Obra das Minhas Mãos”

Ao examinar tantos paralelos impressionantes entre a antiga Assíria e a Alemanha, podemos entender como as profecias bíblicas mostram claramente que a Assíria, nos anos logo antes do regresso de Jesus Cristo, mais uma vez desempenhará um papel fundamental nos assuntos mundiais - e como a Alemanha parece ser única em estar pronta para cumprir esse papel.

Quando os Medos, Babilônios e Citas conquistaram a Assíria em 612 aC, a antiga nação Assíria deixou de existir, mas seus povos sobreviveram. O registro da história e os detalhes da profecia apontam para a Alemanha como a Assíria do tempo do fim — a vara da ira de Deus nos últimos dias. Nenhuma outra nação moderna chega perto!

O regresso da Alemanha ao poder nos anos desde a Segunda Guerra Mundial não é acidental. Deus profetizou há mais de 2.500 anos que Ele traria certos eventos para cumprir Seu propósito, e quando Ele o intenciona, Ele o cumprirá. “O meu conselho permanecerá firme, e farei toda a minha vontade” (Isaías 46:10).

E a Alemanha é mais uma vez a força dominante em um esforço para unir as nações da Europa. Os eventos agora em andamento na Europa levarão ao poder da besta de dez nações há muito profetizado que ressurgirá das cinzas do Império Romano, como explica Apocalipse 17:8-14.

A Bíblia demonstra que a Assíria usará a religião para ajudar a forjar um poder Europeu unificado, assim como foi feito sob Carlos

Magno. Esta configuração emergente se tornará uma potência econômica global e usará esse poder para fins políticos. A princípio parecerá pacífico, mas se transformará em um deserto devoradora besta guerreira, como vimos em um capítulo anterior. Daniel descreve este reino do fim dos tempos como uma besta forte e feroz com “dentes de ferro”, que Cristo conquistará e punirá em Seu regresso. E a nação que liderará tudo isto será uma nação que se parece com a Alemanha hoje!

Mas isso não significa que a Alemanha sairá vitoriosa. Assim como nos tempos antigos, depois de Deus usar a nação para punir o Israel moderno no fim dos tempos, Ele “punirá o fruto do coração arrogante do rei da Assíria e a glória da sua aparência altiva” (Isaías 10:12).

Deus reina supremo - e Ele será glorificado por todos. Ele não permitirá que nenhuma nação ou tribo se glorifique em vez de dar honra a Ele como o Criador de toda a humanidade. “Porventura, gloriar-se-á o machado contra o que corta com ele? Ou presumirá a serra contra o que puxa por ela? Como se o bordão movesse aos que o levantam ou a vara levantasse o que não é um pedaço de madeira!” (Isaías 10:15).

Deus punirá o Israel moderno pelas mãos da Assíria moderna. Ele até permitirá que a Assíria moderna leve todo o nosso planeta à beira do Armagedom nuclear (Apocalipse 16:16). Mas então Jesus Cristo regressará ao Monte das Oliveiras, lutará contra a humanidade rebelde e ganhará o controle do planeta Terra (Zacarias 14:3). Ele humilhará as nações que lutaram contra Ele enquanto prepara o mundo para Seu reino profetizado.

Servindo Com o Egito

Mas esse é o fim da Assíria? Esta orgulhosa e antiga nação será eliminada?

Deus diz não! Em uma das profecias mais notáveis da Bíblia, Deus prediz que os piores inimigos aprenderão a trabalhar juntos. Antigos inimigos que lutaram e mataram uns aos outros vão finalmente depor as armas e trabalhar lado a lado para reconstruir a sociedade. Assim como Deus usou a Assíria para rasgar, corrigir e destruir, Ele usará a Assíria como uma ferramenta em Suas mãos para renovar, restaurar e reconstruir. Os magníficos talentos do povo Alemão serão postos ao serviço de Deus e do próximo: “Naquele dia haverá estrada do Egito

até à Assíria, e os Assírios virão ao Egito, e os Egípcios irão à Assíria; e os Egípcios adorarão com os Assírios *ao Senhor*.” (Isaías 19:23).

Que inspirador! Não muito antes deste tempo de paz, o rei do Norte e o rei do Sul estarão travando uma guerra amarga (Daniel 11:40–45). Mas, sob a direção do Jesus Cristo que voltou, os inimigos reconciliados servirão uns aos outros a serviço de Deus. Que transformação notável!

Trabalhando Com Israel

Isso não é tudo. Naquela época, a nação reunificada de Israel também estará lado a lado com a Assíria. E qual será o propósito deste reencontro? Para unir as mãos como nações modelo de um novo modo de vida sob a direção de Jesus Cristo, vivendo o caminho de Deus por meio do poder de Seu Espírito Santo. Observe o que Isaías diz: “Naquele dia, Israel será o terceiro com os egípcios e os assírios, uma bênção no meio da terra. Porque o SENHOR dos Exércitos os abençoará, dizendo: Bendito seja o Egito, meu povo, e a Assíria, obra de minhas mãos, e Israel, minha herança.” (Isaías 19:24–25).

Depois de seis milênios de história humana manchada de sangue, que choque isto será para muitos — mas que inspiração! As escrituras profetizam que Deus usará as forças extraordinárias do povo Alemão para enriquecer o mundo durante o vindouro governo milenar de Jesus Cristo. E à medida que o povo Alemão voltar o coração para servi-Lo — por meio do arrependimento, da aceitação do sacrifício de Cristo e da obediência à Sua santa lei — eles se tornarão uma nação modelo de um povo disposto a servir a Deus.

Finalmente, o mundo verá o cumprimento da antiga e inspiradora profecia de Isaías sobre o Milênio, e “estes converterão as suas espadas em enxadões e as suas lanças, em foices; não levantará espada nação contra nação, nem aprenderão mais a guerrear” (Isaías 2:4).

Escritórios Regionais

Estados Unidos

Caixa postal 3810
Charlotte, NC 28227-8010
Telefone: (704) 844-1970

Australásia

Caixa Postal 300
Clarendon, SA 5157, Austrália
Telefone: 08-8383-6266

Canadá

Caixa postal 409
Mississauga, ON L5M 0P6
Telefone: (905) 814-1094

Nova Zelândia

Caixa postal 2767
Shortland Street
Auckland 1140
Telefone: (09) 268 8985

Filipinas

Caixa Postal 492
Agência Central dos Correios de Araneta
1135 Quezon City, Metro Manila
Telefone: +63 2 8573 7594

África do Sul

Bolsa Privada X3016
Harrismith, FS, 9880
Telefone: (27) 58-622-1424

Reino Unido

Caixa 111
88-90 Hatton Garden
Londres EC1N 8PG
Telefone / Fax: 44 (0) 844-800-9322

